

1.6. ÁRVORE DA ESPERANÇA, EFEMERIDADES DA MEMÓRIA - PROJETO ECOLÓGICO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Cláudia Sofia Dias Sousa

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
claudiasdsousa@gmail.com

Resumo

A presente comunicação prende-se com a minha investigação no âmbito do mestrado em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. A dissertação abordou o tema “Flor como Património Natural e Cultural” realizado na ilha da Madeira, em 2011. O projeto desenvolveu-se em duas fases: a primeira de contextualização e experiências de criação artística dentro de seis instituições sociais; a segunda e a que pretendo explicar aqui abriu-se à comunidade exterior, aos habitantes e visitantes da ilha, com a apresentação dos trabalhos realizados através da exposição ECO FLOR.

Nesta saída de campo foi desenvolvido um serviço educativo, com visita guiada a vários pontos estratégicos na cidade do Funchal que abordavam o tema FLOR, entre eles exposições e tradições que compõem a Festa da Flor, celebrada anualmente na ilha.

O último ponto de passagem da visita guiada, a *Árvore da Esperança*, constituirá o nosso foco. Um ponto que contou com a intervenção dos participantes no projeto, bem como visitantes, ilhéus e turistas.

Palavras Chave: Educação; Arte; Património; Natureza; Ecologia; Memória; Efemeridade.

Abstract

The present paper aims to approach the Theme “ Flower as natural and cultural Heritage “ as part of my investigation project under my master’s degree in Art Education by University of Belas Artes in Lisbon. This project was developed in two different stages: The first was context and artistic creations within six social institutions ; the second and the one that I intend to explain , was it’s opening to the external community , residents and visitors of Island with an assignment presentation through the display ECO FLOWER.

On this field exit we developed an educational service with guided tour to the different strategic locations within Funchal city that approached the theme FLOWER, amongst them exhibits and traditions that mainly constitute the Flower Festival, a festivity annually celebrated on the island.

We will focus on the last guided tour site: THE TREE OF HOPE, the subject that counted on the intervention of all participants, visitors, islanders and tourists.

Keywords: Education; Art; Heritage; Nature; Ecology; Memory; Ephemeral.

Educação artística é um conceito abrangente que conjuga dois grandes pilares: a Arte e a Educação. A Arte, segundo Nigel Warburton (2007: 137), é um termo “provavelmente indefinível” devido às “inadequações de um conjunto de definições existentes, conjuntamente com a natureza sempre mutável” aliado igualmente à brevidade da nossa existência, mas sugere que “podemos proveitosamente discutir questões particulares” (Warburton, 2007: 143) isto é, analisar obras de vários artistas em particular em detrimento de uma explicação generalista, que procura encontrar forçosamente pontos comuns de criações tão divergentes. Deste modo o autor (Warburton, 2007: 140) considera que o valor da arte está na mensagem que a obra consegue passar, referindo que o seu valor poderá ser transmitido através da sugestão de “formas de abordar e compreender a obra como algo que, de algum modo, é uma contribuição para a nossa cultura, merecendo o nosso esforço e compreensão”.

A abordagem à obra de arte em particular, para o entendimento do conceito de Arte, requer um trabalho de mediação, ao qual a Educação tem um papel fulcral. É, portanto, através de métodos educacionais, que se pode fomentar a curiosidade e despertar o interesse pela compreensão da obra, revelando a mensagem do artista e causando satisfação no fruidor por ter decodificado o significado. Esta satisfação poderá elevar o nível de empatia, valorizando, consequentemente, a obra exposta.

Assim, a educação e a arte aliam-se num conceito que as une: a Educação Artística, que interliga e facilita a mensagem entre o Homem e a expressão artística, sendo este um meio de abordagem e entendimento do mundo que o rodeia.

Neste contexto, o projeto apresentado eleva a Educação Artística como chave de sucesso na mediação entre o público e a Natureza, numa abordagem mais ‘poética’ de questões de tragédia e catástrofe, tornando o fruidor mais consciente e pro-activo no seu papel social. Herbert Read (2010: 18) no contexto da educação pela arte, defende que o objetivo da educação é encorajar a singularidade individual e desenvolver a consciência social através da *integração* na *unidade social*, ou seja, a sociedade é a chave para o sucesso da individualidade pois esta só “se realiza dentro da totalidade orgânica da comunidade”. Assim, a educação da sensibilidade estética tem um papel fundamental na *orientação psicológica* que possibilita o desenvolvimento de cada indivíduo, no sentido em que, para o autor, o desenvolvimento não é mais do que “um ajustamento muito complexo dos sentimentos e emoções subjectivos ao mundo objectivo” (Read, 2010: 20). Desta forma pretende-se alertar para a consciência social, através do desenvolvimento de emoções causadas pelo impacto do elemento exposto – *Árvore da Esperança*, de modo a conquistar a percepção de fragilidade e efemeridade da Natureza e do Homem.

A fase do projeto que pretendo explicar, foi um momento de reflexão sobre a linha sinuosa entre a beleza e simultânea fragilidade da Natureza. A atividade, inserida num projeto de Educação Artística, consistiu na colocação de mensagens numa urze arbórea queimada pelos incêndios colocada no Jardim Municipal. Todos os participantes deixaram uma mensagem registada numa folha, com a finalidade de ser colocada nesta estrutura natural e orgânica que constituiu uma espécie de *instalação* em metamorfose. Um *happening* que durou vários

dias, pois a estrutura foi ganhando nova forma pela colocação das mensagens. A urze foi estrategicamente colocada no centro do Jardim Municipal, permitindo a sensibilização e interação da população para a proteção e efemeridade da Natureza, assinalando a memória de um momento trágico recente numa nova perspetiva.

O Jardim Municipal, com área total de 8300 m² e com cerca de 168 espécies de plantas, encontra-se localizado no centro da cidade do Funchal, construído no antigo espaço do convento de São Francisco e que após passar para posse da Câmara Municipal a 7 de Novembro de 1844, só começou a ganhar forma em 1880 com a introdução de plantas de Paris e Porto entre outras, indígenas de climas quentes. Em 1885 a Câmara determina que este jardim se designará simplesmente de Jardim Municipal passando, em 1897, a chamar-se Jardim Dona Amélia e voltando, em 1910, ao original. A árvore para a atividade ficou centrada em frente ao auditório semi-circular do jardim, inaugurado em 1992.

A atividade/*instalação* marcou o último ponto no percurso do serviço educativo do Projeto FLOR no centro do Funchal, através de uma visita guiada a várias exposições e intervenções artísticas do certame da Festa da Flor – 2011.

Este percurso foi desenhado para o momento final de introspeção e contemplação dos vários participantes no Projeto FLOR, Projeto Ecológico de Educação Artística, mas também pensado para visitantes e restantes habitantes da ilha. Ao longo de 5 meses, 165 pessoas, jovens e seniores com idades compreendidas entre os 10 e os 85 anos, pertencentes a 6 instituições sociais de vários pontos da ilha, 3 escolas e 3 centros de dia, desenvolveram um trabalho prático de expressão artística com a orientação de 10 professores. As instituições intervenientes foram: Escola Básica e Secundária Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas; Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco; Escola Básica e Secundária de Santa Cruz; Centro Social e Paroquial do Bom Jesus da Ponta Delgada (centro de dia); Centro de Dia e Convívio da Casa do Povo do Arco de São Jorge; Centro Comunitário gerido pela Sociohabitafunchal mais concretamente a Quinta Josefina, a Quinta das Cruzes e a Quinta Falcão.

Para que este projeto pudesse ser concretizado, com projeção para o exterior das instituições, através da exposição ECO FLOR e percurso do serviço educativo que finalizaria no Jardim Municipal com a *Árvore da Esperança*, foi necessário a aprovação da Câmara Municipal do Funchal, mais propriamente do Senhor Vereador do Ambiente, Eng. Costa Neves, por intermédio da senhora Arquiteta Ana Virgínia Silva. Procedeu-se a uma troca de emails com o intuito de explicar o projeto e o papel fundamental da árvore queimada no centro do Jardim. Inicialmente houve alguma resistência de (des)memória do desastre. Lembrar a tragédia num momento de euforia – primavera /renovação da natureza /Festa da Flor – não se afigurava aos governantes, especialmente numa época de tanto turismo na ilha, uma boa opção. Como justificou inicialmente Virgínia Silva, "...a ideia de ter uma árvore morta num jardim central da cidade, numa altura em que se pretende que tudo se encha de cor e flores não lhe [ao sr. vereador] agrada muito e eu percebo o seu receio". Foi aqui que me apercebi que a sensibilização era necessária para todos, inclusive e especialmente para as entidades governamentais.

Só após a alteração do discurso de ponderar uma árvore seca em detrimento de uma queimada, e com a persistência do contacto se foi tornando possível reestruturar aquela opinião e avançar com o projeto. A verdade é que sem o apoio destas entidades nada disto seria possível. Com o parecer positivo da Câmara, o projeto começou a fluir de imediato, ficando nas mãos do Diretor do Parque Ecológico do Funchal, o Dr. José Manuel Rodrigues, a continuidade do processo. Pouco mais haverá a descrever a não ser salientar toda a disponibilidade e amabilidade deste grande senhor que acompanhou de perto a escolha, o arranque da árvore e o seu transporte até ao local onde deveria ser colocada no Jardim Municipal, [fig.1,2,3,4] cumprindo o nobre papel de anfitrião do Parque Ecológico do Funchal que se encontrava, desde o incêndio, adormecido em cinzas.

A *Árvore da Esperança* renasceu das cinzas com a vida que lhe foi dada por esta atividade

criativa. Os incêndios de 2011 queimaram grande parte da Laurissilva protegida pelo Parque Natural do Funchal, criando uma dimensão inigualável de perda desta que é classificada pela UNESCO como Património Natural da Humanidade desde Dezembro de 1999.

A Laurissilva é vital para os madeirenses porque, para além do seu interesse paisagístico e das raridades botânicas que alberga, esta floresta garante disponibilidade de água para irrigação das terras de cultivo e jardins, abastecimento público e produção de energia eléctrica. [...] A importância científica da Laurissilva extravasa os limites da Região Autónoma da Madeira e de Portugal. É Reserva Biogenética do Conselho da Europa, Zona Especial de Protecção e Sítio de Interesse Comunitário da Rede Natura 2000. (Quintal, 2007: 53).

Esta perda fez desaparecer muito verde da paisagem, muitos anos de trabalho e protecção da natureza, muitos seres únicos que viviam sobre si reunindo a sabedoria do tempo no silêncio reconfortante da natureza. Na sequência deste pensamento Valter Hugo Mãe (2010: 155) descreve:

tudo o que as árvores fazem é pensar. Ficam generosas à espera de chegar a uma conclusão, e se morrem, não é absoluto que tenham tido resposta. Deram sombra, pássaro, fruto, e vento, mas podem partir quietas, como quem tomba para dentro de si mesmo, com felicidade pelo que já passou e nenhuma mágoa, só a aceitação sábia do tempo.

Entre muitas, aquela urze foi a escolhida: longos braços torneados de cor fúnebre antes envolvidos constantemente por uma manta de nevoeiro. Foi cortada e cuidadosamente transportada com o propósito de desconstruir o poético Jardim Municipal no seu pleno estado de graça. Aquela urze arbórea era a memória viva do desastre que acontecera na nossa floresta. Estava ali com uma intenção muito particular, a de fazer pensar, sensibilizar cada um de nós e a comunidade em geral para a fragilidade da natureza, para a nossa fragilidade. Broudy (1987: 51) reforça, através das palavras de Susanne Langer, a importância do estímulo da percepção estética e dos sentimentos promovido mais pela imagem e observação do que pela escrita:

the arts are the most direct route to what Langer called the "forms of feeling". The language of art, as she points out, is a form of presentational rather than discursive discourse.

O autor, referido na obra de Joy Palmer (2001: 66) como um dos cinquenta teóricos contemporâneos da Educação, afirma que "O papel da educação estética é refinar e ampliar o repertório de sentimentos".

Para Mihaly (1998: 257) "a experiência directa ensina pelo menos tanto como nos livros", por isso defende que "uma boa sociedade precisa de mais do que boas escolas com bons programas e laboratórios actualizados. A educação acontece em toda a comunidade. Nas lojas, nas estradas, nos meios de informação..." daí a necessidade de criar um ponto de reflexão numa zona pública central de referência, devidamente contextualizada, um jardim, potencializado pela sua inserção habitual nas atividades desenvolvidas anualmente pelo cartaz turístico da ilha.

Os dias de festa promotores da ilha, que vão amontoando curiosos, tal como foi a Festa de Flor, também devem ser dias de memórias e recordações, boas e más. Deve haver um melhor aproveitamento desse aglomerado de gente que não só procura encher a vista e os cartões de memória das máquinas fotográficas, mas também o coração com experiências reais, conhecendo a fundo o lugar, as suas origens, assim como os problemas que o podem afetar, para além de levarem consigo fragmentos dos acontecimentos. Pois, ao contrário do que se possa pensar, uma cultura que tem a humilde capacidade de mostrar a sua história real consegue atrair mais do que afastar.

A *Árvore da Esperança* ficou exposta num contentor quadrangular [fig.5] como que uma peça viva sobre um plinto num museu ao ar livre, entre 2 a 10 de maio de 2011. Todos os que passavam não ficavam indiferentes. A beleza primaveril espalhava-se por todo o frágil jardim protegido pela cidade. Um jardim revestido de flores e cores vibrantes onde bem no centro permanecia a *Árvore da Esperança* renascida pelo carregado simbolismo. Ficou tempo suficiente para encher as suas ramificações de folhas de cartolina amarela com mensagens de esperança [fig.6], e durante esse tempo cultivou-se a contemplação e reflexão. Foi tempo de renascimento, tanto para a imponente urze arbórea com mais de 50 anos, como para as delicadas flores que a circundavam num jardim exuberante, limitadas a um sopro de vida fugaz de poucas semanas. Não deixa de ser curioso o contraste de ambas na sua duração e na sua exuberância.

Longe de pretender chocar os visitantes pela abordagem do lado negativo do desastre em época que se pretende de promoção turística das qualidades naturais da ilha, o nosso propósito foi o de sensibilizar para a mudança de estratégias e mentalidades através da Educação Artística que entendemos como uma boa chave para o enquadramento de diversas questões e conceitos, tais como: Ecologia / Sustentabilidade, Preservação do Património Natural e Cultural / Identidade / Memória e Comunidade.

Existe uma necessidade quase genética no ser humano de querer mostrar apenas o lado bom e colorido da vida, de ignorar as fragilidades, de apagar as memórias mais cruéis. Esquecemo-nos, portanto, que os momentos mais difíceis são os que nos ajudam a tornar mais fortes, mais resistentes e preparados para o futuro. É preciso saber vivê-los, lidar com eles e essencialmente aprender a superar. Muitas vezes a solução não está em apagar da memória mas, pelo contrário, saber encaixá-la numa vivência presente.

Neste projeto, a mediação pela arte entre o desastre e o público acabou por se tornar bastante eficaz, no sentido em que a sensibilização [fig.7 e 8] foi mais marcante que o impacto negativo inicialmente previsto e temido.

Participar neste evento através de uma mensagem transmitida por um trabalho coletivo dinâmico e consciente é um ato de cidadania ativa. Todas as pessoas que passavam e interagiram na atividade incluíram-se na criação estética e, em simultâneo, refletiam sobre a peça em si passando a ter o duplo poder de dar a sua opinião e deixar o seu “traço” na obra [fig.9]. Porque educar é ter a capacidade de envolver, transmitir e dar ferramentas para construir.

Formar visitantes participativos, significa formar cidadãos ativos e atentos ao meio. Ao explorar a mensagem daquele elemento apresentado [fig.10], foi possível abordar temas e questões da vida e da sociedade em que os participantes estão inseridos.

Uma forma de aprender a lidar com o problema de modo mais natural. A arte é um meio criativo e terapêutico de lidar com a vida. Aprender através do desenvolvimento de competências artísticas é utilizar e desenvolver a criatividade e a sensibilidade para entender todas as outras áreas do conhecimento. Educar pela e para a arte é saber conjugá-la como meio e como fim, utilizando-a como ferramenta para desenvolver seres humanos sensíveis e atentos, possibilitando maior prazer na fruição desta forma de vida, a Arte.



Figura 1 - Escolha da urze arbórea com equipa do Parque Ecológico do Funchal. 28 de abril 2011. Fonte própria.



Figura 2 - Transporte da urze arbórea com grua. 2 de maio 2011. Fonte própria.



Figura 3 - Colocação da urze arbórea num vaso de metal e madeira. 2 de maio 2011. Fonte própria.



Figura 4 - Preenchimento do vaso para fixar a urze. 2 de maio 2011. Fonte própria.



Figura 5 - *Árvore da Esperança* no Jardim Municipal. 10 de maio 2011. Fonte própria.



Figura 6 - Pormenor de um galho da *Árvore da Esperança*. 10 de maio 2011. Fonte própria.



Figura 7 - Atividade de reflexão no Jardim Municipal com os utentes do Centro Comunitário do Funchal. *Árvore da Esperança*, maio 2011. Fonte própria.



Figura 8 - Atividade de reflexão no Jardim Municipal com os alunos da Escola Básica e Secundária Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas. *Árvore da Esperança*, maio 2011. Fonte própria.



Figura 9 - Mensagens de naturais e visitantes da ilha da Madeira para colocar na *Árvore da Esperança*. maio 2011. Fonte própria.



Figura 10 - *Árvore da Esperança* em harmonia com as restantes espécies do Jardim Municipal. maio 2011. Fonte própria.

Referências Bibliográficas

Barbosa, A. M. (2008) "Mediação Cultural e Social" em A. M. Barbosa, & R.G. Coutinho, *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social* [pp.13-23]. São Paulo: Unesp.

Broudy, Harry S. (1987) *The Role of Imagery in Learning*. Los Angeles, California: The Getty Center for Education in the Arts. Occasional Paper 1.

Csikszentmihalyi, Mihaly, (1998) *Novas Atitudes Mentais, Uma Psicologia para o Terceiro Milênio*. Círculo dos Leitores, Maio de 1998 (tradução Mário Dias Correia, The Evolving Self).

Gomes, Maria (1985) *Experiência Estética e a Festa da Flor*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Mãe, Valter Hugo (2010) "Poema das árvores e da aprendizagem" em *Contabilidade – poesia 1996-2010*. Lisboa: Editora Objectiva.

Mãe, Valter Hugo [2010]. *As mais belas coisas do mundo*, Carnaxide: Editora Objectiva, 1ª edição.

Mendes, Martinho [2011] *Coração Verde – Conceito* [consult.2011-06-30] Disponível em <URL: <http://coracaoverde11.blogspot.com/2011/04/texto-de-enquadramento-espaco-infoarte.html>.

Palmer, Joy A. (2001) *Fifty Modern Thinkers on Education, From Piaget to the Present*, London: Routledge.

Quintal, Raimundo (2007) *Quintas, Parques e Jardins do Funchal estudo fitogeográfico*. Lisboa: Esfera do Caos Editores Lda.

Read, Herbert (1943) *Educação Pela Arte*. Gráfica de Coimbra: Edições 70, tradução Ana Maria Rabaça e Luís Teixeira [2010]

Warburton, Nigel (2007) *O Que É a Arte?*, Lisboa: Editorial Bizâncio, 1ªedição. Outubro. original: *The Art Question*, 2003.